

M. J. ARLIDGE

Mais de 2 milhões de livros vendidos

NÃO

ME

ESQUEÇAS



TOP
SEL
LER

SEGREDOS ESCONDIDOS
À VISTA DE TODOS...

DIA UM

1

— **D**arren, imploro-te... — As palavras jorraram da boca dela, sufocadas, sinceras, desesperadas. — Não faças isso, *por favor*...

Os dedos de Naomi agarravam o braço do namorado, esperando que ele parasse, lhe desse ouvidos, mudasse de ideias. Mas as palavras caíram em saco roto e o jovem musculado libertou o braço e avançou com determinação. O Centro Comercial Marlands estava cheio de gente nessa noite, e muitas pessoas olhavam o casal de soslaio, mas Naomi ignorou-os, correndo atrás do namorado. Só que Darren estava irritado, o seu passo, imparável. Passaram diante da Computer Exchange, depois pelas lojas de penhores e a seguir pela Rock Bottom Toys. A saída para a Portland Terrace ficava a menos de cinquenta metros e Darren avançava determinado nessa direção. Se Naomi pretendia detê-lo, teria de ser *agora*.

Lançando-se a ele, Naomi agarrou o ombro de Darren, detendo-o e fazendo-o rodar. De imediato, ele mostrou uma expressão de fúria, rosnando um palavrão, mas a desesperada rapariga de 15 anos falou primeiro.

— Por favor, diz-me só o que queres de mim. Se fiz alguma coisa de erra...

— Não há nada que eu possa querer de *ti* — rosnou o drogado, libertando o braço.

— Mas tu *amavas-me* — venceu Naomi. — Disseste-o umas cem vezes. Não percebo o que é que mudou.

— Isso era antes.

Irritado, o rapaz de 22 anos tentou virar costas, mas Naomi agarrou-lhe o braço com força.

— *Não, não* — insistiu ela, tentando controlar as lágrimas. — Não podes abandonar-me sem mais nem menos. Larguei tudo por ti. Família, amigos. *Deves-me* isso.

— Não te devo nada — silvou ele em resposta. — Sabias muito bem no que te estavas a meter.

— Então, o que foi tudo isto? Esta merda toda?

A voz de Naomi era penetrante, estridente, lágrimas já a mancharem-lhe as faces, mas não se importou. Era como se o resto do mundo não existisse, o seu sofrimento apagava tudo o resto.

— Se não queres saber de mim, porque é que disseste o *contrário*?

Darren nada disse, abanando fervorosamente a cabeça, como se estivesse aborrecido com as perguntas dela. A cada segundo decorrido, Naomi sentiu-se mais envergonhada, mais humilhada, mas não podia desistir dele. Era tudo o que tinha no mundo.

— Por favor, Daz, sou *eu*... — suplicou, suavizando o tom.

Naomi arriscou dar um passo em frente, e mais outro. Encorajada pelo silêncio dele, enfiou as mãos esguias no casaco dele, assentando-as nas ancas.

— O teu amor.

Pondo-se em bicos de pés, Naomi apontou os lábios aos dele, beijando-o.

— Vou ser boa para ti, amor, prometo — sussurrou ela. — És tudo para mim. Desde o momento em que te conheci...

O namorado fitou-a por um momento, surpreendido com aquela confissão sentida. Então, lentamente, o rapaz de 22 anos baixou a cabeça para Naomi e segredou:

— Não significas *nada* para mim, sua puta. Mete isso na cabeça.

Naomi fitou-o, sem saber o que dizer. Então, sem que tivesse a oportunidade de reagir, Darren encostou a sua mão carnuda ao peito dela e empurrou-a com toda a força. Apanhada desprevenida, Naomi cambaleou para trás, tropeçando e caindo no chão polido. Uma dor percorreu-lhe o cotovelo ao mesmo tempo que lhe escapava todo o ar dos pulmões, mas antes de conseguir recuperar já Darren estava de novo em cima dela.

— Durante uns tempos, foste útil, agora já não és. Entendido?

— Foi *só* isso o que signifiquei para ti? — gritou Naomi, enfurecida. — Uma estúpida que roubava por ti, mentia por ti, só para arranjar uma dose...

— Finalmente estás a chegar lá — troçou Darren.

— Mas todas as coisas que me disseste, todas aquelas *promessas* que fizeste... — gemeu.

Formou-se um largo sorriso na cara de Darren, divertido com tanta ingenuidade.

— Credo, estás mesmo a léguas. Achas que alguém ia dizer aquilo a sério, em relação a *ti*?

Ele riu-se, de uma forma cruel e satisfeito consigo mesmo, mostrando toda a sua arrogância e cinismo. Como é que Naomi não percebera? Como é que ficara caidinha por aquele parasita? Quis insultá-lo, despejar toda a fúria e desilusão, mas não saiu qualquer palavra, face à sua absoluta desolação.

— Boa sorte, *môr* — troçou o seu ex-namorado, erguendo-se. — Bem vais precisar...

E, dito aquilo, partiu, afastando-se do centro comercial e da sua vida. Pondo-se de joelhos, Naomi viu-o partir, desesperada, incrédula. Todas as suas esperanças, todos os seus sonhos, esfumaram-se de repente e viu horrorizada o seu antigo namorado desaparecer da vista, antes de deixar cair para trás a cabeça e uivar de dor.

2

Osom que saía dele era quase inumano; um grito de angústia animalesco.

A inspetora-chefe Helen Grace agachou-se sobre o adolescente ferido, assentando as suas mãos com força sobre o estômago dele. Esforçava-se por convencer o jovem de que ia ficar bem, só que, naturalmente, ele estava apavorado. Apesar das palavras reconfortantes de Helen, o ferido voltou a gritar, louco e desesperando, apelando à sua mãe, a Deus, a *alguém* que pusesse fim ao seu tormento, ao mesmo tempo que um espesso jorro de sangue brotava através das mãos de Helen.

— Jason, preciso que olhes para mim. Consegues olhar para mim?

— Dói tanto — gemeu o adolescente. O seu olhar vasculhava os céus.

— Eu sei, mas estou aqui contigo e vou garantir que ficas bem. Sou polícia, sei o que estou a fazer. Vais ficar bem...

Para surpresa dela, o adolescente começou a chorar. Helen não percebeu se seria provocado pela dor que lhe assolava o corpo ou pela constatação de que o melhor que poderia esperar para aquela noite era ser detido e acusado, mas foi-lhe indiferente, pois num ou noutro caso era uma visão de meter dó. O rapaz, que não teria mais de 17 anos, quisera brincar aos *gangsters*, mas em resultado disso enfrentava a perspectiva de se esvair em sangue numa rua fria e escura.

— Os paramédicos estão a chegar — acrescentou Helen, num tom reconfortante. — A qualquer momento, estarás a caminho do Hospital South Hants. Vão remendar-te e pôr-te de pé num instante.

E a seguir? Helen sabia que o adolescente passaria a ser um excedente na fraternidade criminosa, mesmo se de alguma maneira

conseguisse escapar à prisão. Fizera asneira da grossa ao ser emboscado ao transportar uma mala cheia de dinheiro pela cidade e sem dúvida que pagaria pelo seu fracasso, pela via do exílio ou da morte. Helen esperou sinceramente que fosse a primeira hipótese.

Voltando-se, Helen esticou o pescoço para espreitar em volta para lá da multidão de mirones. Apesar das suas palavras de conforto, o adolescente morria diante dela, pelo que foi com tremendo alívio que ouvia agora o guincho dos travões, o som de portas a bater e depois dois paramédicos a surgir à vista, a abrir caminho por entre a multidão. Correndo para o local, agacharam-se junto ao rapaz ferido, com o médico-chefe a calçar um par de luvas de látex enquanto rendia Helen do seu dever.

— Chama-se Jason Matthews e tem 17 anos — informou Helen, limpando o sangue das mãos ao erguer-se. — Perda de sangue significativa causada por dois disparos no abdómen. Sem outros sinais de ferimentos. Os atiradores já partiram há muito, pelo que é seguro que o levem quando desejarem.

— Então, toca a andar — disse o paramédico entre dentes, anuindo com a cabeça em agradecimento a Helen.

Enquanto ele falava, aproximou-se um terceiro paramédico, empurrando uma maca, pelo que Helen se afastou, dando espaço à equipa de emergência para que trabalhasse. Virando-se, encaminhou-se para a motorizada amolgada do adolescente, que permanecia tombada de lado, com o motor a ronronar. Calçando as luvas, desligou a ignição e depois incidiu a sua atenção na mala de mão rasgada caída ali perto, agora esvaziada do seu precioso conteúdo. Umas quantas notas de 20 libras perderam-se durante a escaramuça, flutuando em volta pela rua silenciosa levadas pelo vento. Metodicamente, Helen caçou-as, juntando-as e enfiando-as num saco com a esperança de que trouxessem luz sobre os rostos escondidos por detrás do banho de sangue desta noite. Mas, ao fazê-lo, reparou num rapaz que não teria mais de 11 anos a tentar roubar uma das notas perdidas, que fora soprada para o outro lado da rua.

— Se fosse a ti não fazia isso... — rosnou Helen.

Assustada, a criança afastou-se rapidamente, desaparecendo nas sombras e deixando ficar a nota abandonada. Helen pegou-lhe de pronto, selou o saco e a seguir voltou-se mais uma vez para o local

do crime. Era uma visão depressivamente familiar, a contenda em escalada entre gangues de droga rivais na cidade a tornar-se cada vez mais evidente, até arrojada. Era o terceiro incidente do tipo em tantas outras semanas, todos ocorridos em zonas residenciais densamente povoadas, todos envolvendo armas mortíferas, fossem facas-zombie, machetes ou pistolas. As pessoas na cidade sentiam-se desesperadas, derrubadas pelo custo de vida em espiral, crime em ascensão e famílias em rutura, e quando as pessoas desesperavam, os traficantes prosperavam. As drogas eram agora um *grande* negócio em Southampton e a competição era feroz, o que levava a uma única coisa: derrame de sangue.

Helen tinha a terrível sensação de que os gangues da cidade se preparavam para uma guerra total, um desenvolvimento que teria consequências graves para todos, nomeadamente para a sua própria unidade, que com frequência dava por si a perseguir bandidos que disparavam primeiro e faziam perguntas depois. Naquela noite, Helen chegara rapidamente ao local, ao ouvir disparos ao conduzir para casa, com os atiradores a sumirem momentos antes de ela aparecer. O que teria acontecido se tivesse chegado uns segundos antes? Teria *ela* dado por si na linha de fogo?

Afastando tais pensamentos, Helen regressou para junto dos paramédicos, que com cuidado erguiam o adolescente ferido para a maca. Era o custo humano do desespero das pessoas, o preço do seu vício. Dois anos antes, este miúdo estaria na escola, às voltas com os seus colegas, a namoriscar com as raparigas, a comportar-se como um vulgar adolescente. Agora, lutava pela vida, com sangue a escorrer-lhe dos ferimentos enquanto gritava pela mãe.

Será que sobreviveria para voltar a vê-la? Ou morreria antes de chegar ao hospital? Helen não podia ter certezas. Fizera tudo o que pudera por ele, quiçá até lhe salvara a vida, mas seria suficiente? Era *alguma vez* suficiente? Com a situação a piorar dia a dia, com cada nova afronta a pressagiar mais derrame de sangue, Helen sentiu-se cada vez mais indefesa e desesperada, enquanto a cidade que conhecia e amava se preparava para mergulhar de cabeça no abismo.

3

— **A**doraria ajudar, mas simplesmente *não* podemos.
Naomi olhou fixamente para a mulher, incapaz de processar o que ouvia.

— Mas isto é um centro para os sem-abrigo, certo? — insistiu Naomi, tentando afastar o medo.

— Sim, mas...

— E eu não tenho mais para onde ir. *Tem* de me deixar entrar.

A gerente, que se apresentara como sendo Tara, parecia preocupada, visivelmente afetada com a inquietação de Naomi. Por momentos, Naomi permitiu-se acreditar que a porteira iria amaciar e ceder, dando-lhe entrada, mas quando Tara olhou Naomi nos olhos, com uma expressão cabisbaixa de culpa, a adolescente sentiu a esperança a morrer dentro de si.

— Eu gostaria, é claro que sim, mas não há camas disponíveis. Estamos completamente à pinha.

Naomi fitou-a atarantada. Nada daquilo fazia sentido. Quantos sem-abrigo *havia* em Southampton? Sim, via-se muitos na rua durante o dia, mas não bastariam para encher *todo* aquele prédio?

— Podes tentar outros abrigos — prosseguiu a mulher com seriedade — Há um na Bridge Street, outro na Thurlam Road.

— Já *tentei* esses — contrapôs Naomi com uma voz trémula.
— Disseram-me para vir aqui, que a senhora resolveria a questão.

— Não tens família que possa ajudar?

Naomi abanou a cabeça.

— Amigos?

Naomi baixou a cabeça. Não queria mesmo chorar diante de uma estranha, mas sentiu um profundo desespero, como se todo o mundo lhe tivesse virado costas.

— Olha, e se voltares mais tarde? — prosseguiu a gerente do abrigo. — Pode ser que alguém liberte uma cama, alguém que se sinta melhor noutra sítio. Por vezes acontece...

Era mentira e ambas o sabiam. E terá sido por isso que estendeu a mão para apertar a de Naomi, sussurrando:

— Cuida de ti, está bem?

Dez minutos mais tarde Naomi deu por si no Hoglands Park, a arrastar os pés pelos carreiros de cimento desgastados. Os *skaters* tinham saído em força nessa noite, rindo e brincando, enquanto as pranchas faziam barulho ao subir e descer as rampas. A sua alegria e picardias pareciam troçar de Naomi, para quem cada passo dado era um esforço. A adolescente sentia-se furtada de toda a energia, determinação e esperança, como se nada pudesse fazer que lhe fosse proveitoso ou fizesse a mínima diferença na sua situação. A noite caía e estava sozinha na cidade, sem ter para onde ir. O seu sofrimento devorava-a por completo, o seu medo era palpável, mas toda a gente que passava parecia alheada, despachando-se para chegarem aos seus acolhedores lares, enquanto o céu ficava nublado.

Como é que chegara àquele ponto? Seis meses antes, Naomi tinha um teto sobre a cabeça, três refeições por dia e alguém que cuidava dela. Era apenas ela e a mãe, há já uns bons anos, e apesar de discutirem constantemente davam-se bem, ou pelo menos tão bem quanto quaisquer outras pessoas. Então, *ele* entrou em cena... o atraente, encantador e manipulador Darren Haines. Conheceram-se numa festa numa casa e ele mostrara-se bem-falante, nunca saindo do seu lado. Ela sabia que era um mau rapaz, que tinha um vício, mas isso apenas contribuía para o seu fascínio. Percebeu, entretanto, que não era assim tão interessante, depois de ter mendigado, roubado e levado emprestado para financiar o deplorável vício dele, tendo suportado os seus acessos de fúria alimentados a estupefacientes, tendo vivido naquele horrível pardieiro que ocuparam por mais de três meses. Mas, na altura, estava enfeitiçada — enfeitiçada pelo amor, pela rebeldia, por provar a todos que sabia aguentar-se pelo seu próprio pé.

Que tola que fora. Que tola ingénua, iludida e patética. Seguirá incondicionalmente aquele rapaz — não, aquele *homem* — e onde é que isso a levará? Ao Hoglands Park, com a noite a abater-se e nuvens

plúmbeas a começarem a salpicá-la. Talvez fosse tudo o que merecesse. Ao pensar nos maus-tratos que infligira à mãe, Naomi sentiu-se enjoada com a vergonha. A sua mãe tentara proteger a sua única filha, alertar Naomi para um namorado mais velho do que ela e claramente problemático. Qual fora a recompensa dela? Uma rejeição maldosa e acusações vis. Naomi arrepiou-se ao pensar que apelidara a mãe de desolada, amarga e invejosa, quando simplesmente a tentara manter num rumo saudável, na escola, impedindo-a de se afundar na sarjeta. Porquê? O que a levava a ser tão estúpida? Tão cruel?

Naomi seguiu em frente, evitando o olhar dos homens que passavam, vendo perigo em cada estranho, em cada movimento, em cada sombra. Onde era suposto ir? Onde ficaria em segurança? Vivera toda a vida naquela cidade, mas sentia-se agora profundamente perdida, sem saber onde ir ou o que fazer. Deveria rumar ao terminal de autocarros? Não, estaria cheio de pessoal assustador e Darren ocasionalmente traficava por lá. A estação de comboios, talvez? Não, a polícia estava sempre a retirar as pessoas de lá, já os vira fazê-lo. O parque? Naomi arrepiou-se só de pensar nisso, estar lá sozinha ao frio, rodeada pelos bosques densos e escuros...

Naomi já tremia, tomada pelo medo. Teria de encontrar um lugar na rua para se deitar, mas a temperatura caía rapidamente. E se aparecesse alguém a meter-se com ela? Como poderia defender-se? Só tinha o seu casaco, umas libras e o telemóvel.

O telemóvel. Naomi parou, deslizando a mão pela superfície lisa do seu *Samsung*. Era uma ideia louca, um pensamento terrível tendo em conta tudo o que fizera, mas que escolha lhe restava? Rapidamente percorreu a lista de contactos, até dar com «Mãe». O polegar pairou, hesitante, culpado, antes de mergulhar e premir «Ligar».

O coração de Naomi batia intensamente enquanto aguardava pelo estabelecimento da chamada e de repente começou a tocar. De imediato, Naomi sentiu todo o corpo a retesar-se. O que iria dizer? O que *poderia* dizer tendo em conta o modo como se comportara? Então, subitamente, a chamada foi atendida, ouvindo-se a familiar voz ansiosa e receosa da mãe.

— Naomi? És tu, querida?

Naomi paralisou, incapaz de se mover, incapaz de falar.

— Naomi, estás aí?

E então bateu em cheio — a culpa, a culpa devoradora. Naomi virara costas àquela mulher, humilhara-a, *destruíra-a*. Que direito tinha de lhe ligar agora?

Naomi desligou sem proferir uma palavra. Sentiu um peso no peito, lágrimas a acumularem-se nos olhos e seguiu rapidamente em frente, determinada a não parecer perturbada ou vulnerável naquele lugar horrível. Mal dera três passos até o seu telefone começar a tocar — a mãe a devolver a chamada. Desta vez, Naomi não hesitou, rejeitando a chamada e desligando o telefone. Ela fizera a própria cama onde tinha de se deitar agora.

Subindo o casaco até às orelhas, Naomi prosseguiu a sua caminhada solitária pelo parque, com os céus por fim a abrirem as comportas.

4

— **E**le vai safar-se?
A pergunta do inspetor Paul Jennings foi concisa e direta, como era habitual. Atravessando a sala de casos, a sargento Charlie Brooks afixou uma fotografia de Jason Matthews no quadro antes de se virar para a restante unidade.

— Sinceramente, não faço ideia — respondeu ela. — Está neste momento a ser operado e a equipa de cirurgia diz que há hipóteses. Tudo o que *sabemos* é que se não calhava a inspetora-chefe Helen Grace estar por perto, o pobre rapaz já estaria morto.

— Pobre *traficante* — corrigiu-a Jennings.

— Independentemente da profissão, é o filho de alguém, o irmão de alguém — retorquiu Charlie, num tom irritado. — Além disso, mora nesta cidade e como tal cabe-nos encontrar o responsável pelo ataque. Este rapaz de 17 anos foi vítima de um ataque premeditado que pode vir a custar-lhe a vida. E é por isso que quero que larguem o que tiverem em mãos e se concentrem nisto. Inspetor Wilson, há algo específico a ligar este ataque a atividades recentes ligadas a gangues?

— Nada que seja evidente — respondeu Japhet Wilson, levantando-se. — De uma forma geral, ultimamente os alvos têm sido traficantes, para que não pisem o território de outros. Esta é a primeira vez que atacam um correio de dinheiro, por isso é possível que se tenha tratado de um trabalho interno.

— Ou uma escalada no conflito — contrapôs Jennings. — Todos os ataques recentes envolveram dois gangues... os Main Street e os Cobras. Até agora, tem sido coisas menores, mas sabemos que o Matthews alinha com os Cobras, por isso pode tratar-se do grupo Main Street a subir a parada, a cortar na fonte o fornecimento de dinheiro,

utilizando esses fundos para incrementar a presença nas ruas, comprar armas, drogas...

— Mas o *modus operandi* e as armas são diferentes — venceu Wilson. — Os ataques anteriores foram oportunidades fortuitas e em ambos os casos foram utilizadas *facas*. Isto parece tratar-se de uma emboscada bem organizada, com recurso a uma arma de fogo.

— Tal como eu disse, uma escalada — concluiu Jennings, como se Wilson tivesse acabado de comprovar o seu ponto de vista.

— Novidades quanto às armas? — interrompeu Charlie, tentando manter o rumo da conversa.

Foi a vez da inspetora Malik erguer-se, para alívio de Charlie. Era a mais equilibrada entre os subalternos, sendo improvável que se deixasse arrastar para um concurso de medir pilas.

— A equipa forense está em cima disso — esclareceu Malik. — Mas os invólucros das balas sugerem que se tratou de uma *Glock* modificada. Não é barato, nem fácil, deitar a mão a uma, tratando-se de uma arma muito fiável. A patrulha não encontrou nada nas imediações, pelo que temos de assumir que o atirador ainda se encontra na posse da arma.

— Sendo por isso imperial que o encontremos o mais depressa possível — declarou Charlie, batendo com os nós dos dedos no quadro. — Este ataque teve lugar em plena Freemantle, uma densa zona residencial. Vivem lá imensas famílias, um grande potencial de danos colaterais. E os culpados ainda andam a monte, por isso temos de usar todos os recursos. Se a nossa vítima sobreviver, obviamente vai ser o nosso ponto de partida, mas, entretanto, quero que falem com todos os vossos contactos nas ruas, qualquer um que possa ter informações sobre um ataque aos Cobras por parte de gangues rivais. Se tiverem algo que possam aproveitar, algum crime menor a que possam virar a cara a troco de informações, é para usar. Inspetor Wilson, quero que analises os crimes de uso de armas de fogo dos últimos seis meses, procura algo que possa ligar esta *Glock* modificada a algum utilizador ou fornecedor específico.

— Com certeza.

— Inspetora McAndrew, quero que trates da triangulação. Descobre que telemóvel usava a vítima, vê se consegues seguir os movimentos dele nas últimas semanas. Padrões repetitivos, locais de interesse, quero saber tudo.

— É para já — respondeu de pronto a experiente agente.

— Quanto aos restantes, vão atrás de todos, sem exceção, que possam ter ligação ao Jason Matthews.

Charlie pegou no seu marcador, traçando linhas desde a foto tipo passe de Matthews até diferentes círculos de interesse.

— Parceiros conhecidos. Família e dependentes. Namoradas. Quem cumpriu pena com ele. Qualquer um a quem tenha vendido. Amanhã vamos atrás das moradas conhecidas dele, contas bancárias e registos de liberdade condicional, mas esta noite quero-nos a falar com a *gente* dele, a ver o que sacamos sobre os movimentos dele, lealdades, problemas específicos que tenham ocorrido recentemente. Vamos mergulhar bem fundo, por favor. Perguntas?

Charlie observou o mar de rostos, mas viu apenas empenho e determinação.

— Muito bem, então vamos a isso.

A unidade dispôs-se, indo tratar do que Charlie pedira. Enquanto o faziam, esta olhou para o relógio, percebendo pesarosa que já eram nove da noite. Trabalhara até tarde todas as noites da semana, bem para lá do limite de horas extraordinárias, e perspetivava-se mais uma conclusão tardia. Suspirando, voltou-se para a sua secretária e deparou com o inspetor Paul Jennings a bloquear-lhe a passagem.

— Está tudo bem, chefe? — perguntou, solícito, Jennings.

— Impecável — respondeu calmamente Charlie. — Mais um dia no paraíso...

Mostrou intenção de partir, mas Jennings deu um passo e cortou-lhe a passagem. Era uma presença poderosa, musculado, atraente e imponente, mas naquela noite mostrava uma expressão gentil e compreensiva.

— Só estava aqui a pensar que se quiser ir para casa, tenho a certeza de que nós damos conta do recado aqui. Já é a sua quarta noitada seguida.

— Obrigada pela preocupação, mas não me parece que a nova chefe da esquadra aprecie que eu vá embora sem dizer nada com a inspetora-chefe ainda no hospital.

— Mas nós sabemos o que fazemos e vamos levar boa parte da noite à procura dos parceiros do Matthews. Porque não faz uma pausa e vai para casa ver as suas belas miúdas?

A proposta pareceu sincera, mas Charlie sabia que não seria bem assim. Já assistira àquilo diversas vezes — agentes masculinos aparentemente bem-intencionados a armarem-lhe ciladas. Se uma agente fosse embora cedo por «motivos familiares» seria para sempre considerada alguém com dedicação em *part-time*, com falta de empenho e determinação. Sempre fora uma regra subentendida nas forças policiais que as mulheres, só para serem levadas a sério, tinham de se esforçar o dobro face aos seus congéneres masculinos. Deixava Charlie com o sangue a ferver. Era tão retrógrado, tão injusto, mas assim funcionava o sistema e não tinha como o alterar.

— Obrigada pela oferta, inspetor Jennings, mas não é necessário. *Tu tens alguém à espera em casa?*

Charlie conhecia a resposta, daí parte da motivação para perguntar. Percebendo a dica, Jennings recuou, sussurrando algo para os colegas. Irritada, Charlie regressou à sua secretária. Não havia um único motivo para ainda ter de provar o seu valor a colegas hierarquicamente inferiores como Jennings ao fim de tantos anos de serviço, mas pelos vistos parecia que uma agente nunca fazia o suficiente para confirmar que merecia o seu lugar na equipa. Daí a opção de Charlie em não ser ela a deitar as filhas à noite.

Outra vez.

5

Ela cerrou os olhos com força, rezando pela chegada do sono. Mas o coração batia desalmadamente, tinha a mente a mil e não conseguiu afugentar os medos.

Naomi caminhara por mais de uma hora sobre a chuva impiedosa, numa busca desesperada por um espaço seco e abrigado onde pudesse esconder-se do mundo. Contudo, não fazia ideia de onde poderia ir e quando de facto *descobria* um local seguro e recatado, depressa percebia que outra alma desesperada já o reclamara. Deparara com viciados em *crack* de olhos arregalados, uma idosa convencida de que Naomi era a sua irmã e até uma adolescente grávida disse de forma bem clara que se pusesse ao fresco. A cada minuto decorrido, o ânimo de Naomi afundava-se cada vez mais. Tinha os *jeans* ensopados, tal como a camisola de capuz, e a sua determinação esmorecia depressa. Por um lado, temia ter de caminhar a noite toda, correndo o risco de hipotermia ou pior, por outro lado, pensava que talvez fosse o melhor plano. Pelo menos, estaria em movimento. Pelo menos, estaria em segurança. Só que, de repente, deu com a passagem subterrânea, que apesar de suja e assustadora servia de abrigo face à chuva torrencial, e isso foi determinante na sua decisão.

Por momentos, sentiu um fogacho de alívio, a passar do dilúvio para um lugar seco. Mas tal sensação depressa se evaporou ao observar a mal iluminada passagem, assombrada pelos desesperados e desapossados — sem-abrigo letárgicos, drogados murmurantes e trabalhadoras do sexo a tremer, exercendo a sua ocupação sem esperança nem emoção. Hesitante, Naomi abriu caminho por entre um mar de rostos hostis, que se voltaram para observar a recém-chegada com um misto de curiosidade e repulsa. Normalmente, Naomi teria passado

apressada pelo lugar sombrio, ansiosa por regressar a céu aberto, mas naquela noite demorou-se, procurando desesperadamente refúgio. De início, a sua busca pareceu condenada ao fracasso, mas acabou por dar com um lugar que deu ideia de estar livre. Era uma velha porta de serviço, de acesso aos sistemas elétrico e de iluminação do túnel com uma placa grande de perigo a afastar os peões. Mas a entrada ampla era suficientemente grande para ela se deitar, pelo que Naomi reclamou o lugar vazio, esforçando-se ao máximo por se pôr confortável. Enroscando-se sobre o cimento frio, cingiu bem o casaco, puxando o capuz com força sobre o rosto até lhe roçar a pele, após o que fechou os olhos, procurando alhear-se do mundo.

Foi um empreendimento inglório. Não só por causa das ténues lâmpadas do teto que projetavam um brilho doentio sobre o interior imundo, nem sequer por causa do odor insuportável a escape de automóvel das viaturas que passavam velozmente sem olharem duas vezes, mas principalmente devido ao ruído. A chuva continuava a martelar no exterior, com a água a escorrer de um cano roto na entrada do túnel, e acima disso ouviam-se os apupos, gritos e gracejos dos ocupantes daquele desterro soturno. Aos poucos, a agitação esmoreceu conforme o trânsito diminuiu, os drogados apagaram e as prostitutas deram por finda a noite, mas ainda assim os barulhos desconhecidos, súbitos, cor-tantes e perturbadores mantiveram Naomi alerta e à beira de um ataque de nervos. Precisava desesperadamente de dormir, sentia-se física e psicologicamente esgotada, mas incapaz de dominar o medo que lhe revolvia as entranhas ou o frio envolvente das suas roupas encharcadas. Nem nos seus sonhos mais loucos Naomi achou que acabaria ali, a tremer, desesperada e assustada. Mas era esta agora a sua realidade.

Quis obrigá-la a descontraír, a descansar um pouco, nem que fosse para afastar o ligeiro atordoamento que a tomara. Mas a sua mente não parava de projetar o futuro. O que aconteceria na hora seguinte? Antes que a noite terminasse? No dia seguinte? Iria deambular pelas imediações do centro de sem-abrigo na ténue esperança de que um dos ocupantes fosse expulso? Algo pior? Naomi equacionava aquilo, com a mente carregada de pensamentos sombrios, quando escutou um novo ruído.

Passos. Suaves e cuidadosos, a aproximarem-se do seu esconden-rijo. Retesou-se instantaneamente. Aquele ruído desconhecido seria

o avanço hesitante de um drogado passado da cabeça ou o *clic-clac* de uma trabalhadora do sexo? Não, estes passos pareciam seguros, determinados. Perturbada, Naomi ergueu-se, tentando desaparecer no seu buraco, mas fracassou a sua tentativa de se misturar com a paisagem que a rodeava, pois o intruso parou diretamente em frente a ela.

— Olá, amor. Estás bem?

Naomi reagiu, assustada, mas a voz do homem era tudo menos hostil ou alarmante. Na verdade, soava carinhoso, gentil e preocupado.

— Isto não é lugar para uma rapariga nova como tu. O que raio fazes aqui?

Contra a sua vontade, Naomi rodou a cabeça para ver quem seria aquela alma bem-intencionada. Mas de pronto se encolheu, ofuscada pelo raio potente da lanterna dele.

— Não precisas de te assustar, eu gostaria de te ajudar. Aqui em baixo há todo o tipo de anormais e rejeitados e o teu lugar não é perto deles. Então, o que dizes? Vamos procurar um lugar melhor para passares a noite? Deve haver hospedarias ou B&B que possam aceitar-te ou, no mínimo, uma sopa dos pobres onde possas descansar um pouco.

Era um pensamento tentador. O que Naomi não daria agora por um lugar seco e seguro e de uma tigela de sopa quente? Então, apesar das reservas naturais, voltou-se de novo para o homem, com a esperança de que a sua sorte estivesse a mudar. Quis ver a cara dele, decifrar as intenções, mas o brilho da lanterna permanecia ofuscante e vislumbrou apenas uma silhueta escura. Ainda assim, deu por ela a reagir-lhe quando ele estendeu uma mão forte, dizendo numa voz encorajadora:

— Anda, amor. Vamos levar-te a um sítio quente.

6

O coração de Sheila Watson acelerou ao puxar a placa de ferro ondulada. Não conhecia aquela parte da cidade, nunca antes pusera um pé numa casa abandonada e por norma nunca se aventuraria sozinha tão tarde na noite. Mas a chamada silenciosa de Naomi deixara-a profundamente abalada, daí a sua missão desesperada a Portswood. Era uma zona da cidade a passar por um lento processo de gentrificação, mas havia ainda umas bolsas dos subúrbios que evocavam os tempos em que servia de refúgio a rejeitados, criminosos e drogados. O edifício coberto de *graffiti* diante dela era uma dessas ruínas, um lugar sinistro desprovido de vida, que prometia apenas coisas más. Mas Sheila já tinha vindo tão longe... não havia como virar costas.

A porta da entrada da velha casa geminada desaparecera há muito, substituída por uma chapa de ferro ondulada com um aviso «Proibida a Entrada» toscamente pintado a *spray*. Ignorando-o, puxou o obstáculo, determinada a entrar. Quando o fez, o metal arranhou o cimento, gerando um chiado feio que deixou Sheila com os nervos em franja. Não sabia quem, ou o quê, estaria no interior, mas não pretendia de todo anunciar a sua presença, pelo que, com um derradeiro puxão, abriu a porta improvisada, revelando do outro lado um *hall* sombrio. Reunindo toda a sua coragem, Sheila entrou.

Sentiu de pronto o pé a ceder, mergulhando no soalho podre. Chocada, Sheila arquejou com a dor, torcendo violentamente o tornozelo e sentindo até farpas de madeira a cravarem-se na carne. Retraindo-se, puxou cautelosamente o pé, passando a mão pela perna para averiguar os danos. Ao fazê-lo, chocou-se ao perceber que a mão tremia, devido ao medo e adrenalina que pulsavam dentro de si. Talvez se sentisse

mais nervosa e assustada do que achara. Ainda assim, teve de prosseguir, para ver se conseguia encontrar a única pessoa à face da terra que verdadeiramente odiava.

Sheila lamentava imenso o dia em que Naomi pôs os olhos em Darren Haines. Percebia a atração, também ela fora adolescente, mas nunca imaginara que a sua filha se tornasse tão obcecada por ele, que a paixão de Naomi despedaçasse a família. Mas acontecera, e depressa, com Naomi a abandonar a casa depois de uma discussão particularmente violenta para ir viver *aqui*, entre outros marginais e inúteis, deitando-se num colchão velho. Sabe Deus o que se teria passado naquele lugar, o que fariam as pessoas para financiarem os seus vícios, mas se Naomi ainda lá *estivesse*, Sheila pretendia arrastá-la para casa.

De início, Sheila sentira-se enfurecida com a sua filha na sequência da partida desta do lar da família, depois profundamente preocupada, até se resignar a uma longa batalha para a reconquistar. Mas o telefonema de Naomi naquela noite estilhaçou a determinação de Sheila, com a sua paciente determinação substituída por um medo visceral. Tinha a certeza de que fora Naomi a ligar-lhe, ouviu a respiração dela, sentira que esteve prestes a falar, mas depois a chamada foi abaixo. Porquê? O que lhe acontecera? Quando Sheila tentou devolver a chamada, entrou diretamente no *voicemail*. O instinto dizia-lhe que se passara algo terrível, que Naomi estava a ser atacada, quiçá até a lutar pela vida. Aterrorizada, Sheila equacionou ligar à polícia, mas já antes chocara repetidamente com a sua intransigência desinteressada, pelo que optara antes por se deslocar ali, a casa de Naomi longe do lar nos últimos três meses.

Coxeando ao avançar, Sheila enfiou a cabeça pela abertura da porta da frente, avistando um par de vultos a dormir estendidos no chão.

— Naomi, querida, és tu?

Os vultos remexeram-se, mas sem responder. Espreitando mais de perto, Sheila percebeu que se tratava de duas formas grandes, masculinas. Também avistou as seringas e o papel de alumínio descartados no chão, pelo que avançou rapidamente. Nas outras divisões do rés do chão não deu com ninguém, pelo que, agarrando-se ao corrimão, Sheila subiu os degraus. De imediato, sentiu a dor a subir pela perna esquerda, com o tornozelo a protestar, mas seguiu em frente

agarrando a madeira nodosa, chegando ao primeiro andar. Fez uma pausa. Havia três divisões ensombrecidas a dar para o patamar central, todas com as portas ligeiramente entreabertas. Qual deveria tentar? E o que encontraria no interior?

Preparando-se, pousou a mão na maçaneta do quarto mais próximo e lenta e cautelosamente baixou-a.

— O que raio faz aqui?

Espantada, Sheila rodopiou e deu com Darren Haines a avançar para ela.

— Não é bem-vinda — prosseguiu, atravessando o patamar até se impor diante dela. — Por isso, fora daqui.

— Onde é que ela está? — exigiu saber Sheila, ignorando a intimidação dele.

— Eu disse FORA DAQUI! — berrou Haines, agarrando-lhe o braço e puxando-a para as escadas.

Instantaneamente, Sheila libertou-se do aperto. Não estava à altura de Darren em termos físicos, mas tinha mais a perder. Não ia permitir de maneira nenhuma que a despejasse na rua como um saco de batatas.

— Não saio daqui sem a Naomi, por isso vai buscá-la, onde quer que ela esteja.

Mas o imponente drogado limitou-se a abanar a cabeça, irritado com a determinação dela.

— Naomi? Onde estás, meu amor? Sou eu — chamou Sheila, ignorando-o.

Para sua surpresa, Haines recuou um passo, cruzando os braços e sorrindo.

— Naomi, por favor, onde *estás*? — insistiu ela.

Ele começou então a rir, frio e cruel.

— Grite e berre à vontade. Ela não está aqui.

— Como assim? — reagiu Sheila, de repente assustada.

— Ela foi embora, desapareceu, piscou-se.

— Mas, porquê? Não compreendo.

— Já não estamos juntos.

— Desde quando?

— Desde esta tarde. Ela estava a tornar-se irritante, por isso tive de a largar.

Mostrou um amplo sorriso, com dois dentes de ouro a cintilar para Sheila.

— Para onde foi?

— Sei lá eu — respondeu, encolhendo os ombros.

— Diz-me onde ela está — exigiu Sheila, avançando sobre o seu corpulento adversário e agarrando-o pela gola. — Não saio daqui até...

— Como é que hei de saber? — reagiu Haines, interrompendo-a. — Embora aposte que deve estar de quatro com outro palerma qualquer. Já sabe como ela é.

Chocada e indignada, Sheila não se conteve, esbofeteando o drogado, que, apanhado de surpresa, deixou cair a cabeça para trás. Cambaleou por uns momentos, surpreendido, e endireitou-se, tateando a bochecha esquerda, onde uma fina linha de sangue se formava, com o anel dela a rasgar-lhe a pele.

— Não te atrevas a falar nesses modos da minha filha, seu monte de...

Sheila não concluiu a frase, com uma mão carnuda a surgir do nada e a chocar violentamente com a bochecha *dela*. Apanhada de surpresa, a mãe de meia-idade cambaleou para trás, tombando sobre a parede decrépita. Ofegante, tentou endireitar-se, mas viu Haines a avançar com um olhar assassino.

Sheila agora não hesitou, agarrando o corrimão e descendo velozmente as escadas instáveis. Meio a cambalear, meio a cair, com o tornozelo a ceder ao assentar pesadamente no chão. Apesar de tomada pela dor, conteve o sofrimento e seguiu em frente a cambalear, saindo porta fora para a chuva torrencial.

Desesperada, Sheila afastou-se a coxear o mais depressa possível, apavorada com a possibilidade de Haines se lançar a ela, e só ao alcançar o fundo da rua é que ousou parar e olhar para trás. Para seu alívio, Haines não se encontrava à vista, tendo claramente descartado esta perseguição. Mas enquanto ali permaneceu sob o dilúvio cada vez mais intenso, sovada, exausta e assustada, qualquer sensação de triunfo depressa se evaporou. Sim, escapara a um ataque violento, mas não encontrara a filha. A sua adorada Naomi ainda andava algures na rua, sozinha e à deriva. O que se passaria com ela? Porque é que de repente telefonou para casa? Estaria sequer ainda *viva*?

Aflita e angustiada, Sheila gritou pela filha, uma, duas, três vezes. Mas sem resposta, com o seu grito angustiado a ser sorvido pela escuridão.

7

O que raio lhe estava a acontecer?

Naomi cambaleou em frente, encaminhada sem piedade pelo seu agressor, que a arrastava para baixo por um lanço irregular de degraus de cimento. Ela mal conseguia interiorizar o seu drama, sentia-se enjoada, com passos pouco firmes, a visão estranhamente turva. Lembrava-se de ter apanhado boleia com o seu anjo da guarda, a rota estranha que tomaram por ruas secundárias da cidade, mas depois disso tudo não passava de um borrão. Pararam à porta de um edifício nada atraente, que não se parecia em nada com a hospedaria que o homem lhe prometera, depois ele pediu-lhe que retirasse algo do porta-luvas? A sua identificação? Uma chave? Não se recordava. Apenas se lembrava do trapo horrível que lhe aplicara sobre a boca e nariz quando se debruçou para a frente — aquele cheiro horrível, o ardor na garganta, e depois a escuridão que a envolveu.

Terá desmaiado, pois a coisa seguinte de que se apercebera fora de que estava ali, a ser levada à força por uns degraus empoeirados que pareciam recuar à sua chegada, fazendo-a tropeçar, obstruindo-lhe a passagem. O companheiro dela vociferava e praguejava, puxando-a com violência para que se reerguesse, impulsionando-a sempre para baixo. Apesar do seu torpor, a cada passo sentia-se mais assustada e abriu a boca para falar. Queria dizer-lhe que ele cometera um erro, que ela não queria estar ali, que queria ir para casa. Mas, ao abrir os lábios, não saiu qualquer som. Sentiu a língua inchada, a boca adormecida e sentia dificuldade em respirar. O que lhe fizera ele?

Naomi estendeu a mão para a parede para se equilibrar, mas o agressor afastou-a, abrindo uma porta velha e arrastando-a para a divisão situada do outro lado. Uma vez mais, Naomi cambaleou,

esforçando-se por perceber onde se encontrava. Estavam numa espécie de arrumo numa cave, que se encontrava vazia à exceção de alguns equipamentos antigos e umas latas usadas de *Coca-Cola*. Que lugar era aquele? E porque a levava ele para ali?

Naomi olhou para ele, na esperança de ver alguma bondade, um esclarecimento, algo que se assemelhasse a conforto na expressão dele, mas, ignorando-a, o captor obrigou-a a ajoelhar-se.

— Fica — rugiu ele, virando-lhe costas e apressando-se na direção da parede dos fundos.

Naomi fez como ele mandou, incapaz de se mover. Quis vomitar, gritar, desmaiar, mas em vez disso ficou apenas ali ajoelhada a vê-lo trabalhar. Naomi teve então a *certeza* de que alucinava. O seu raptor parecia estar a retirar coisas das prateleiras da parede dos fundos, para depois remover as próprias prateleiras. O que fazia ele? Ela piscou os olhos, uma e duas vezes, sacudindo a cabeça para dissipar aquelas imagens confusas, mas tudo se tornou ainda mais estranho. Baixando-se, o raptor puxou algo e, incrivelmente, a parede do fundo pareceu abrir, com uma dobradiça ao meio a libertar-se para expor uma câmara secreta atrás.

Naomi sentiu a bÍlis a subir-lhe pela garganta. Não conseguia ver o que lá haveria, mas não queria saber. Avançando um joelho, tentou levantar-se, com algo a dizer-lhe que deveria abandonar rapidamente aquele edifício, que se permitisse ser maltratada para aquele lugar escuro era possível que nunca mais voltasse a sair. Só que se sentiu profundamente desorientada e caiu de lado ao tentar endireitar-se. O atacante surgiu de novo junto dela, arrastando-a pelo braço na direção da abertura sinistra. Uma vez mais, Naomi tentou gritar, berrar, mas saiu apenas um ténue murmúrio. Era demasiado tarde e ele empurrou-a para o espaço escuro e claustrofóbico. Não havia ar nem luz ali em baixo, apenas um cheiro opressivo a estuque a esboroar e a urina estagnada. Naomi tentou agitar-se, libertar-se das garras dele, mas o agressor era demasiado forte, demasiado determinado e viu-se forçada a ir para o chão no canto do fundo à direita. Chocou com as costas em algo, uma espécie de cano rijo e frio, mas antes sequer de dar pela dor o agressor agarrara-lhe o tornozelo, fechando algo em redor, prendendo-a à parede. Baixando-se, ele deu uns puxões para assegurar que as amarras dela estavam firmes, após o que se ergueu.

— Por favor... — arquejou Naomi, conseguindo por fim implorar.

Mas ele não quis saber, detendo-se apenas para a empurrar para o chão, antes de dar a volta e sair do fétido espaço minúsculo. Uns segundos mais tarde, selou as portas ao sair, mergulhando a divisão numa escuridão absoluta.

Foi então que Naomi percebeu que não se encontrava sozinha.

DIA DOIS

8

Rodando o acelerador, Helen rugiu pela Western Avenue. Acelerando, deu gás pelo centro da cidade, serpenteando pelo trânsito, até mudar repentinamente de direção para deixar a artéria principal rumo ao parque de estacionamento da Esquadra Central de Southampton.

Estacionando, Helen retirou o capacete, detendo-se por momentos para mirar o imponente edifício de vidro e calcário que há três décadas era o seu farol. Aquele lugar salvara-a, *formara-a*, e todas as manhãs ao chegar gerava nela a mesma ansiedade. A vida enquanto líder da Equipa de Incidentes Graves tinha os seus desafios, em especial tendo uma nova chefe para confrontar — a altamente conceituada e exigente superintendente-chefe Rebecca Holmes —, mas ainda assim Helen sentia expectativa por cada novo dia. O seu papel ali, a pesada responsabilidade que carregava ao investigar os crimes mais graves de Southampton, era algo que assumia com agrado. Efetivamente, bem lá no fundo sabia que sem isso se sentiria perdida.

Percorrendo a pé o alcatrão frio, Helen abriu a porta automática da zona de custódia. Sabia que a equipa estaria a trabalhar arduamente e estava ansiosa por saber se já haveria pistas. Cruzando o átrio, Helen abriu o fecho do seu casaco de *motard*, ávida por trocar rapidamente de roupa e lançar-se à refrega. Ao passar diante da receção, apercebeu-se de uma acalorada troca de palavras entre o sargento de custódia e uma mulher de meia-idade, com um ar choroso e agitado. Por uns segundos, Helen sentiu-se tentada a ignorá-los, mas algo no tom angustiado da mulher levou-a a hesitar. Soava desesperada.

— Porque é que não me dá ouvidos? — queixava-se amargamente a mulher. — Tanto quanto sabem, a minha filha pode estar estendida numa sarjeta. Têm de fazer *alguma* coisa.

O sargento de custódia abriu a boca para a desiludir, articulando alguma desculpa gasta usadas um milhar de vezes, pelo que Helen se antecipou, antes que fossem causados mais danos.

— Posso ajudar? — perguntou num tom apaziguador.

A mulher virou-se, olhando para cima para Helen com olhos cansados e raiados de sangue. Era uma mulher atraente, com feições fortes e vincadas, mas parecia de rastos e receosa.

— Sou a inspetora-chefe Helen Grace — acrescentou Helen. — Sou a responsável pela unidade local da Divisão de Investigação Criminal.

— Bem, eu não sei... — respondeu a mulher, incerta. — Estava só aqui a dizer ao seu colega...

— E se me contasse a mim? — interrompeu Helen com delicadeza, encaminhando-a para uma cadeira.

— Não sei bem por onde começar — reconheceu a mulher ao sentar-se, subitamente soando exausta.

— Bem, e se começasse por me dizer o nome da sua filha?

A mulher, parecendo agradada por alguém finalmente a ouvir, respondeu:

— Chama-se Naomi Watson. Eu sou a mãe, Sheila.

— E estava a dizer que ela desapareceu?

— Desde a noite passada — confirmou a mulher de meia-idade, com a ansiedade a tomar-lhe a voz. — Tem vivido com o inútil do namorado em Portswood desde há três meses, mas ontem à noite ele deixou-a. Ela... ela telefonou-me logo depois das oito, provavelmente por se sentir perturbada e assustada, só que desligou. Não sei se lhe aconteceu algo ou se só não tem coragem para falar comigo...

— Vocês estão desavindas?

— Não, desavindas não — contrapôs de imediato Sheila. — Mas *realmente* discutimos. O namorado dela, Darren Haines, era um inútil, um parasita, um drogado. Graças a ele, ela largou a escola, começou a roubar-me, aos amigos, acabou a morar numa casa abandonada medonha...

Ela estava a ficar notoriamente perturbada, pelo que Helen reconfortou-a assentando uma mão no braço.

— Desculpe, é que estes últimos meses têm sido muito duros — reagiu a desolada mãe.

— Eu entendo. Portanto, na noite passada devolveu a chamada à Naomi?

— Centenas de vezes, mas vai sempre para o *voicemail*. Passei a noite a andar de carro de um lado para o outro à procura dela, voltando sempre ao Hoglands Park, mas não há sinais...

— Porque lá? Especificamente?

— Porque conseguia ouvir os *skaters* de fundo quando me ligou ontem à noite. Achei que pudesse ter arranjado um sítio para se deitar lá por perto, mas não havia sinais dela... — A voz dela tremeu, tomada pela inquietação. — Estou só tão preocupada com ela. Acha-se adulta, mas não tem vivência do mundo, nenhuma experiência de viver na rua...

— E que idade tem ela, Sheila?

— Tem 15 anos.

Conseguiu formar aquelas derradeiras palavras e foi-se abaixo, chorando amargamente ao enterrar o rosto nas mãos. Era difícil ficar indiferente à aflição dela; apesar de não ter filhos, Helen sabia que aquele era o pior pesadelo dos pais. A filha de Sheila fora seduzida por um namorado mais velho que a descartara como se fosse lixo, deixando-a para se desenrascar sozinha numa cidade perigosa e impiedosa.

— Sheila, compreendo a sua aflição, a sério que sim, mas a Naomi só desapareceu uma noite e por certo que será suficientemente sensata para se manter em segurança. Dito isto, vou fazer com que seja dada prioridade para ver se a localizamos. Ela tem amigos a quem possa ter recorrido? Outros familiares?

Sheila abanou pesarosamente a cabeça.

— Sempre fomos apenas nós as duas.

— E ela pode andar a tomar algo que lhe turve as ideias, a sua capacidade de identificar um risco? Álcool? Drogas? Medicação?

— Não me parece. O namorado dela era um viciado em drogas, mas ela nunca tocou nisso, não apreciava a forma como a fazia sentir-se.

— Isso é bom. E acha que saberia ir para um albergue ou abrigo caso se sentisse realmente desesperada?

— Não sei — respondeu Sheila, limpando as lágrimas. — É todo um novo mundo para ela. Sempre assegurei que tivesse um teto,

comida na mesa, roupa quando pudéssemos pagar... Nunca esteve sozinha antes e não sei como lidará com isso. Eu... Eu passei a noite a imaginar as coisas mais horríveis. Fiquei encharcada ao andar de um lado para o outro com aquele temporal. Só Deus sabe como terá sido para *ela*...

Fitou fixamente Helen, com os olhos encovados e desesperados.

— Sheila, sei que está assustada, mas quero que faça algo por mim.

A mãe chorosa anuiu, aparentemente aliviada por Helen estar a assumir o comando da situação.

— Quero que vá para casa. Com sorte, a Naomi há de lá aparecer, ou ligar-lhe, mas é importante que lá esteja caso ela apareça. Entretanto, vou acionar uma busca em toda a cidade, alertando todos os agentes para que a procurem, na esperança de a podermos levar até si antes do fim do dia. O que lhe parece?

— Parece... fantástico — sussurrou Sheila, surpreendida e chorosa. — Não quero armar confusão, mas não estava a chegar a lado nenhum com ele...

Sheila apontou para o agente de custódia.

— O que não foi correto — reagiu Helen, cáustica. — A Naomi merece toda a nossa atenção e vou fazer tudo o que puder para a trazer de volta sã e salva.

— Obrigada, obrigada — entoou Sheila, agarrando com força as mãos de Helen. — Sei que deve ter um milhão de coisas mais importantes para fazer, mas significa imenso para mim que se preocupe.

Helen observou a expressão séria e suplicante de Sheila, mais comovida do que imaginaria possível.

— E preocupo-me, porque sei como é. Houve uma altura, há uns anos, em que *eu* vivia nas ruas — confessou discretamente Helen. — Na altura, teria dado tudo por ter um lugar seguro e acolhedor para onde ir. Portanto, por favor deixe isso nas minhas mãos e tente não se preocupar. Vai precisar de todas as suas forças quando a Naomi regressar a casa.

Sheila Watson fitou Helen por uns momentos, até que se chegou a ela para a abraçar com força. Surpreendida, Helen ainda assim alinhou, evitando o olhar do sargento de custódia que a fitava com uma expressão fatigada e crítica. Talvez a circunspeção dele fizesse

sentido, talvez Helen *tivesse* exagerado na promessa, só que pressentiu que Sheila naquele momento necessitava de tal certeza e conforto. Rezou apenas para que fosse capaz de cumprir, para que nada de mal tivesse acontecido à adolescente desaparecida. A vida na rua era uma experiência sombria e perigosa, onde os fracos e vulneráveis eram com frequência explorados. Helen esperou que Naomi se encontrasse segura e bem, que estivesse naquele preciso momento a reunir coragem para telefonar à mãe, mas sabia que o bem-estar da adolescente, o seu futuro, era em tudo incerto. Naomi andava por aí algures, sozinha e perdida, e Helen sabia por experiência própria como se sentiria — sozinha, desorientada e muito, muito assustada.

9

Ela apoiou as costas na parede fria de tijolo, inquieta, desorientada, mas alerta. Naomi passara uma noite pavorosa em escuridão absoluta, recordando continuamente os acontecimentos que levaram ao seu rapto, ao mesmo tempo que imaginava os horrores ainda por vir. A canalização gemia, insetos passavam apressadamente, e ali muito perto um vulto tossia, gemia e gritava durante o sono. Naomi perdera por completo a noção do tempo, dado que lhe foram tirados telemóvel e relógio, e a noite pareceu interminável. Os minutos foram passando, sem libertação, sem alívio, mas então começou por fim a infiltrar-se na divisão uma luz ténue, uma lasca de iluminação abraçando a base das portas embutidas, o seu brilho facultando a Naomi uma visão turva do que a rodeava. Era algo quase insignificante, mas Naomi sentiu-se tremendamente grata pelo súbito surgimento de luz, confirmando-lhe que o sol *ainda* nascia e descia, que o mundo real *ainda* existia, que não fora levada para algum tipo de inferno subterrâneo.

Tentando focar os olhos, Naomi esforçou-se por ver através da escuridão. Estava numa espécie de cela, acorrentada à parede num espaço claustrofóbico, frio e húmido. A minúscula divisão tenha três metros por três metros, teto baixo e era compacta, sem qualquer tipo de decoração ou mobiliário. Um cano de água descia pelo canto, que de resto se encontrava vazia. A sua companheira jazia no chão a menos de metro e meio, o rosto voltado para Naomi. Era loura, alta e magra, com a sua constituição delicada visível através da *T-shirt* manchada, que lhe assentava frouxa e larga. Calças de correr gastas e manchadas e meias puídas completavam o triste conjunto.

Estimulada pela modesta melhoria em termos de visibilidade, Naomi olhou em seu redor. Procurava uma forma de escapar — um

buraco na parede, um ponto fraco no teto —, mas nada detetando, incidiu a sua atenção nas suas ataduras. A corrente presa ao tornozelo era pesada e robusta, afixada a uma placa na parede através de uma sólida argola de metal, mas ainda assim, Naomi puxou com toda a sua força, determinada a arrancá-la do seu suporte.

— Vamos, vamos... — arquejou, exercendo toda a sua força.
— Mexe-te, sua...

Sacudiu e puxou com toda a sua força, gritando a sua frustração, mas o esforço de nada valeu, com a corrente a recusar mover-se. Praguejando, Naomi largou-a e lançou-se então às portas. Poderia ser *aquela* a sua rota de fuga? Lançou-se contra a parede falsa, determinada a obter algum impulso, mas o seu captor fizera bem os trabalhos de casa, com a curta extensão da corrente a impedir que exercesse impacto nas portas seladas, que alcançava apenas com as pontas dos dedos. Exausta e frustrada, Naomi assentou as mãos nos joelhos, combatendo a sensação de pânico que ameaçava dominá-la. Estava determinada a manter-se forte, desafiante, mas não havia escapatória à triste realidade. Aquele era agora o seu mundo: quatro paredes, uma corrente e uma companheira misteriosa.

Nesse preciso momento, a rapariga diante dela desatou a tossir; de forma profunda e prolongada, levando Naomi a encolher-se. A tosse souou brutal, dolorosa e ensanguentada, como se cada acesso lhe furtasse um pouco mais de força. Naomi nunca ouvira nada como aquilo e abalou-a até aos ossos.

— Ei, sentes-te bem? — perguntou Naomi por instinto, com uma voz altamente preocupada.

A tosse prosseguiu, mas sem que a rapariga se mexesse.

— Posso fazer alguma coisa? Tens por aqui água...?

A rapariga logrou controlar-se ligeiramente, com a tosse a esmorecer aos poucos, mas nem assim respondeu.

— Já agora, chamo-me Naomi — prosseguiu, animada. — E não tens nada a temer, não quero fazer-te mal. Se calhar, se te sentasses, ficavas melhor...

— Não fales.

A companheira dela silvou as palavras, de forma concisa e urgente. Por momentos, Naomi perdeu a fala, espantada com o tom agressivo.

— Como assim? — reagiu Naomi quando por fim se recompôs.
— Eu perguntava apenas se...

— Ele não vai gostar — interrompeu com firmeza a rapariga, pondo fim à conversa.

Naomi olhou fixamente para a rapariga, chocada. O que raio lhe fizera aquele homem para a deixar tão assustada? Tão empenhada em evitar qualquer conversa? Contudo, antes de lograr perguntar, viu a adolescente mover-se, levantando-se apressadamente e avançando agilmente para o canto oposto. Por momentos, Naomi sentiu-se perplexa, mas ouviu então passos em aproximação, passos pesados e determinados. O captor delas regressara.

Naomi retirou-se para o seu canto, chegando lá no preciso momento em que as portas se abriram. O efeito revelou-se devastador, com a luz brilhante a inundar o interior, ofuscando Naomi e levando-a a protestar. Manteve os olhos cerrados com força, aguardando que a sua visão se adaptasse, mas quando voltou a abri-los deu com o raptor a impor-se diante dela.

— Despe-te.

— Vá-se lixar — silvou ela em resposta.

— Tira a roupa e joias e veste isto — prosseguiu ele, ignorando os protestos dela enquanto atirava um fato de treino sujo para os pés dela.

Naomi tinha o corpo tenso, os sentidos em alerta total, quando o seu captor se baixou para a erguer.

— Largue-me — vociferou ela, debatendo-se.

— Faz o que te mandam.

— Vá para o diabo que o carregue, seu merdas.

Sem pensar, Naomi cuspiu-lhe na cara. Por momentos, o captor pareceu surpreendido com o desprante, mas o castigo a Naomi não se fez demorar, com as costas da mão dele a chocarem com força na sua face, projetando-a de encontro aos tijolos empoeirados. As pernas dela ameaçaram ceder, mas o agressor prendeu-a à parede, tirando partido da desorientação momentânea dela para lhe retirar a pulseira, os brincos e o colar que soletrava o nome dela. A seguir, puxou o anel da eternidade que a mãe lhe oferecera no último Natal, mas o dedo de Naomi estava demasiado inchado para ele conseguir puxá-lo e, praguejando intensamente, desistiu. Concentrou-se antes na roupa dela,

arrancando-lhe a camisola e a *T-shirt*. Naomi uma vez mais tentou rechaçá-lo, mas um violento soco no estômago furtou-lhe toda a capacidade de resistência. Sem fôlego, Naomi desabou no chão, permitindo que ele lhe retirasse as botas *Doc Martens*. E, depois de a desacorrentar, puxou-lhe as calças.

— Agora, veste-te.

Suado e ofegante, ele observou com firmeza enquanto Naomi vestia furiosamente o fato de treino. Não lhe assentava bem, não estava limpo, mas pelo menos não deixou que permanecesse encolhida diante dele em roupa interior. Dando-se por satisfeito, ele curvou-se e voltou a prender a corrente no tornozelo dela, após o que se ergueu e saiu da sala.

Naomi deixou-se ficar caída no chão, com o coração a bater descompassadamente. O que fazia ele? Para onde ia levar as coisas dela? E o que pretendia fazer a seguir? Uma vez mais, Naomi recuou para o seu canto, determinada a resistir a qualquer ataque, a qualquer ofensa, mas, para sua surpresa, quando o raptor regressou trazia duas taças metálicas amolgadas.

— Come — ordenou ele ao pousar no chão diante dele a sua oferenda, virando-se a seguir para fazer o mesmo com a outra cativa.

Sofregamente, Naomi pegou na taça. O seu estômago urrava de fome, mas ao espreitar para a taça, o seu apetite evaporou-se. O conteúdo era repugnante — papas de aveia frias e grumosas a formarem um pico rijo e sólido — e, ainda pior, a taça estava suja, com restos de refeições anteriores misturados na papa desoladora e cinzenta. Enojada, Naomi afastou a taça, mas ao lançar um olhar acusador ao raptor surpreendeu-se ao vê-lo impor-se diante dela, determinado a vê-la ingerir aquilo. Mas era impossível fazê-lo, mesmo que a sua vida disso dependesse.

— Não vou comer esta merda.

Mal terminara a frase e ele já estava cara a cara com ela.

— Vais comer, puta estúpida. Vou assegurar que sim.

Ao falar, pegou na taça metálica e enfiou-a na mão direita de Naomi. Ao mesmo tempo, agarrou a outra mão dela, com os seus dedos fortes a deslizarem pelo pulso para apertar com força. A seguir, torceu, repuxando a pele dela com toda a sua força. Naomi uivou de dor, chocada com a súbita agressão.

— Largue-me. largue-me, seu...

Arquejou, deixando a frase a meio quando ele puxou com mais força. Era agonizante, o pulso ardia, mas o agressor não cedeu, colando o seu rosto ao dela e dizendo com voz áspera:

— Ora, vamos lá tentar outra vez, está bem? Vais ser uma linda menina, Naomi?

Ele estava tão perto que os narizes deles quase se tocavam, o olhar dele cravado no dela. A dor era intensa, a determinação dele determinada a quebrá-la, mas Naomi resistiu. Fora enganada, fora raptada, fora aprisionada, mas não fora vergada. De modo nenhum ia deixar-se bater sem dar luta.

10

Charlie Brooks entrou de rompante na sala de casos, ansiosa por começar o dia com o pé direito. Na noite passada chegara tarde a casa, aproveitando umas poucas horas de sono antes de se levantar para cumprimentar as suas meninas. Apesar de algumas reprimendas por ter falhado a hora de deitar na noite prévia, Orla e Jessica mesmo assim animaram-na com o seu entusiasmo e bom humor e como tal, depois de as deixar na escola, Charlie rumou à Esquadra Central de Southampton plena de determinação, empenhada em tirar o máximo proveito do dia.

Avançando até à sua secretária, Charlie percebeu que já se encontrava presente a maioria da equipa. Pontualidade e profissionalismo eram duas insistências de Helen e Charlie sentiu-se grata por ver os seus agentes reunidos, entusiasmados no início de mais um dia atarefado. Observando a cena matinal, Charlie reparou que a maior da equipa se reunira em redor da secretária do inspetor Paul Jennings, rindo e galhofando enquanto iam bebendo café. A camaradagem era de aplaudir, sendo o moral em alta um pré-requisito para uma unidade saudável e produtiva, mas, ao observar o grupo de agentes masculinos, Charlie constatou de repente que nenhum se voltara para a cumprimentar. Na realidade, nenhum deles parecera ter reparado que entrara uma oficial superior na sala.

Franzindo o sobrolho, Charlie avançou da sua secretária até lá. Ao abeirar-se, detetou de imediato a voz estridente de Jennings.

— Não quero dizer que foi uma conclusão precipitada, mas o Rapaz Alfa não esteve à altura do Canzarrão. E por causa disso ficou roto...

Jennings lançou-se num riso profundo e complacente, no que foi acompanhado por vários colegas. Mas o riso depressa soçobrou

ao darem com Charlie a aproximar-se, com vários deles a travarem os sorrisos ao voltarem-se para ela com um ar sóbrio, respeitoso e profissional.

— O que é que eu perdi? — quis saber Charlie, animada.

Ninguém respondeu. O inspetor Jennings pareceu subitamente desconfortável e o resto do grupo embaraçado.

— Nitidamente, algo vos divertiu? — prosseguiu Charlie, questionando o porquê de se dar sequer ao trabalho.

— Não é nada de especial, chefe... — acabou por dizer Jennings. — É só que... ganhei uns trocos no póquer na quarta-feira à noite com alguns dos rapazes... com alguns colegas.

Charlie reparou que ele se corrigiu de repente, numa tentativa de fazer com que a noite dele tivesse soado menos exclusiva. Irritada com a marcha-atrás trapalhona, Charlie replicou:

— É curioso, não soube de nada. É uma jogatina habitual ou...?

O agente de patente inferior pareceu então *realmente* desconfortável.

— É só de vez em quando. Não tem nada de formal, é algo que fazemos de tempos a tempos no clube social da polícia em St Mary's.

— E todos podem alinhar?

Jennings forçou um sorriso nada sincero.

— Claro. Se estiver interessada, arranjamos sempre espaço à mesa...?

Jennings esforçava-se ao máximo por parecer acolhedor, mas a forma como os colegas olhavam para o chão mostrou que também eles se sentiam desconfortáveis. Charlie deixou a pergunta pairar por uns momentos antes de decidir pôr-lhes fim ao sofrimento.

— Bem, na verdade, vocês têm razão. Eu não percebo nada de póquer.

Charlie apercebeu-se de imediato. Um vislumbre de raiva na expressão de Jennings ao perceber que ela estivera a testá-lo, substituído de pronto por uma expressão de alívio.

— Muito bem — prosseguiu ela, animada. — Vamos reunir junto ao quadro e começar o dia.

Passando uma mão pelo cabelo, Jennings tentou libertar-se do seu desconforto, seguindo o resto da equipa até ao centro da sala. Ao chegar junto do quadro de homicídios, Charlie voltou-se para os agentes ali reunidos, falando alto ao dar início à reunião da manhã.

— Muito bem, vamos resumir o que temos. A comunicação social teve um dia em grande com o ataque a tiro da noite passada e podem ter a certeza de que a nova chefe da esquadra vai querer progressos já para hoje. Assim, começemos pelos parceiros conhecidos. Inspetor Wilson, pode começar por nos pôr a par?

O jovem inspetor acatou a ordem e um a um os elementos da equipa foram informando sobre o que cada um descobrira. Charlie ouviu com atenção, anotando as pistas no quadro e questionando-os quando necessário. Mas, entretanto, a sua mente continuava a incidir na dinâmica do grupo. Apesar da sua diversão às custas de Jennings, ou talvez por causa da mesma, permaneceu perturbada e inquieta. Havia naquilo algo que lhe passava ao lado, algo que não identificava, que a deixava desconfortável numa unidade, numa sala de casos, onde durante anos sempre se sentira à vontade. Sempre fora a sua segunda casa, o cenário dos seus tempos mais felizes e dos dias mais complicados. Apenas Helen conhecia melhor do que ela a composição daquele lugar, o ritmo da Equipa de Incidentes Graves, mas apesar de tudo isso, Charlie sentia-se ali como se fosse uma estranha, nem aceite, nem desejada. Por vezes, achava que seria imaginação sua, mas naquele momento aquela sensação bateu com força.

Já ali estava há mais tempo, há muito mais tempo do que qualquer um dos inspetores diante dela, então por que razão se sentia tantas vezes uma estranha?

**Uma cidade no limite.
Uma mãe desesperada.
Um pesadelo que só Helen Grace pode terminar.**

Quando Naomi, uma adolescente local, desaparece, a única esperança que a sua mãe tem em encontrá-la reside em Helen Grace. No entanto, estando a polícia de Southampton sob intensa pressão devido a uma guerra de gangues que assola a cidade, a inspetora terá de desafiar diretamente ordens superiores de modo a conseguir procurá-la.

A investigação secreta levada a cabo por Helen Grace acaba por desvendar um rasto perturbador de jovens desaparecidas — e a única pessoa que parece procurá-las é ela própria. Cada minuto que passa é vital, mas Helen terá diante de si mais entraves e inimigos do que tempo a seu favor...

«M. J. Arlidge criou uma heroína genuinamente nova...»

Daily Mail

Conheça a série Helen Grace:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-536-2



9 789895 835362